

Quintiliano e sua ciência do *bene dicendi*

Jefferson da Silva Pontes¹

VASCONCELOS, Beatriz Avila. *Ciência do bem dizer – A concepção de retórica de Quintiliano em Institutio Oratoria, II, 11-21*. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2005.

Lançado pela Associação Editorial Humanitas, o livro *Ciência do bem dizer – A concepção de retórica de Quintiliano em Institutio Oratoria, II, 11-21*, de Beatriz Avila Vasconcelos, é um volume que se destina aos estudantes e pesquisadores do universo das Letras Clássicas, os quais almejam um entendimento com mais afinco das ideias de Quintiliano sobre os caminhos da tradição retórica clássica não apenas na Antiguidade, mas também o percurso por ela desenvolvido na Idade Média e no Renascimento. Com a finalidade de apresentar os pensamentos de Quintiliano, essa publicação proporciona aos leitores uma esmiuçada pesquisa, bem como uma tradução dos capítulos 11 a 21 do segundo livro da *Institutio*.

Ao longo desses capítulos, Quintiliano sistematiza as vertentes mais importantes que existiam acerca da retórica antiga se valendo de autores conhecidos, como Platão, Aristóteles e Cícero, e ainda discute questões tradicionais da retórica clássica promovendo uma crítica à oratória que estava sendo desenvolvida no seu tempo, além de refutar as objeções tradicionais dos filósofos à oratória. Somente após apresentar e discutir os diferentes argumentos por ele apresentados acerca da natureza da retórica, o orador expõe sua definição de retórica como a *bene dicendi scientia* afirmando que a retórica é útil, é ciência, arte e portadora de virtude para, em seguida, contrapor-se à crítica dos filósofos à

¹ Graduando em língua e literatura latina pela Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora.
E-mail: j_pontes@live.com

retórica e, concomitantemente, introduzir-se na tradição dos defensores de uma retórica honesta.

Quintiliano, assim como outros filósofos e oradores, dissertou acerca do caráter da retórica a qual sempre se apresentou como emblemático ponto de discussões por não ter em sua natureza as definições de *ars/téchne*. O orador romano, então, expõe os preceitos do discurso, sua função na sociedade, suas regras e divisão que constituem a parte que diz respeito à *ars*, parte mais tradicional nos manuais de retórica. Para Quintiliano a eloquência é fruto de um conhecimento e como esse argumento busca refutar aqueles que “acreditam ser desnecessário o aprendizado da arte da oratória e também os que reduzem a *ars rhetorica* a um conjunto de preceitos rígidos” aplicáveis em quaisquer situações.

Dessa forma, Quintiliano irá opor-se aos maus oradores do seu tempo, utilizando suas leituras do *De Oratore*, de Cícero, e do *Fedro*, de Platão, para criticá-los sob duas vias, por meio da crítica dos filósofos à retórica, sofística e através de uma discussão acerca das causas da corrupção da eloquência. Essa apresentação criteriosa se manifestará embasada em três aspectos: primeiro, em uma avaliação moral; segundo, em uma crítica estilística e, por fim, tratando-se de uma crítica pedagógica. O primeiro ponto a ser debatido por ele condiz aos exercícios declamatórios que em seu tempo estavam perdendo o caráter formador e preparatório, “adentrando no âmbito literário”, na medida em que abordavam temas ficcionais distantes da realidade da prática forense, sendo espaço também para a corrente estética asianista, que privilegiava o abuso de *sententiae* e a ornamentação exacerbada tornando o discurso vazio. Em outras palavras, os discursos, abstendo-se da presença de *ratio*, *modus* e *consilium*, os quais, para Quintiliano, não permitiam o amadurecimento da faculdade natural da eloquência.

Ao ater-se à crítica moral presente na *Institutio*, Beatriz Vasconcelos explica que é difícil compreender a natureza dos ataques de Quintiliano nos três livros, uma vez que não se sabe ao certo se ele refere-se o estilo dos discursos ou à má conduta dos oradores, haja vista a qualidade do discurso pôr-se em igual valor a qualidade de quem o enuncia. O decoro retórico, conceito no qual estava intrínseca a noção de justiça referir-se-ia não apenas à adequação ao estilo, mas também à adequação moral, portanto, um discurso

decoroso é aquele que possui adequação dos elementos do discurso e ainda é feito de acordo com os princípios da honestidade e da justiça.

Ao examinar os ataques que versam sobre o caráter pedagógico, a autora permite seu leitor encontrar discussões que ponderam sobre a restrição da arte retórica aos manuais, os quais são insuficientes para abranger conhecimentos de tal arte, bem como explicações acerca da crítica de Quintiliano aos maus oradores e, por consequência, maus discursadores não ter tido uma boa educação oratória. Conforme a discussão apresentada, as escolas de retórica antes de Cícero estavam voltadas ao ensino embasado em um complexo sistema de regras, fórmulas e paradigmas fixados pela tradição da retórica, a qual ambicionava uma formação ampla e de cunho moral consequência da oposição dos filósofos aos retores. Para Quintiliano, nenhum desses artifícios seria capaz de formar um verdadeiro orador.

Inicia-se um novo capítulo e os argumentos utilizados por Quintiliano para chegar à sua definição de retórica são expostos aos leitores. A autora tem por finalidade apresentar concisamente o caminho da tradição retórica no que tange a sua categorização para culminar na análise dos capítulos 15 a 21, os quais abarcam conteúdos de uma introdução teórica, conforme ordenada em manuais de retórica da Antiguidade. Em uma digressão, um panorama da antiga polêmica travada entre retores e filósofos é exposto aos leitores a fim de que se contextualizem acerca de como era o ensino de retórica na antiguidade e a necessidade de uma sistematização como uma *ars/téchne*.

Na busca dessa sistematização, Quintiliano, através a cinco perguntas, almeja chegar a uma síntese do que era a retórica. Para definir o que se entendia por essa ciência ele examina várias definições de filósofos gregos e romanos que se distinguiam, sobretudo, pela qualidade moral em dois grupos: as que separavam o dizer da virtude e as que uniam o dizer à virtude, se inserindo nesse segundo grupo por suas concepções que lhe permitirão discutir qual a real utilidade da retórica. Essa resposta automaticamente a pressupõe como *ars*, o que os sofistas, por não encontrar nela uma utilidade para a vida, discordam assim como Platão que defende que o útil é determinado a partir de uma finalidade que escapa o desejo individual. Quintiliano não se prende a essa assertiva e defende a ideia de que se a finalidade do orador é persuadir, qualquer atividade realizada por ele se voltará não apenas

para a produção de um benefício, mas também para o que agrada aos juízes e se seu objetivo for o *bene dicere* sua utilidade estará orientada à promoção do bem.

Sempre contestada e nunca aceita como uma arte, a retórica para Quintiliano, lança seu olhar não sobre o resultado, mas sobre o ato e para ser mais específico acerca do ato de dizer bem. Com esse argumento, o retor responde ao próximo questionamento apresentado no livro. Para Platão, quatro são os argumentos utilizados para comprovar que ela não é uma arte: primeiro, ela não tem matéria própria; segundo, ela não tem finalidade ou não cumpriu aquela que lhe pertence; terceiro, ela instiga as paixões e ela diz o falso. Critérios de que Quintiliano não se vale na busca de uma definição consistente acerca retórica.

A penúltima questão respondida por Quintiliano é, segundo Vasconcelos, a mais importante, pois nas palavras do próprio retor, “a verdadeira retórica, esta que compete ao homem de bem, é certamente uma virtude” (*Inst. Or.* II, 20, 4). Para chegar a essa conclusão Quintiliano busca se colocar ao lado dos estoicos porque afirmam que a retórica é uma arte respeitando a três princípios, a saber, que ela trata de um saber, uma ciência, que aquele que possui tal virtude, possui todas as outras e que ela está comprometida com o bem moral.

Por fim, ao debater a qual seria a eventual matéria da retórica, Vasconcelos afirma em sua análise que para Quintiliano, por não possuir uma matéria própria, ela se apropria da matéria de outras artes e utiliza Aristóteles para corroborar sua tese quando o filósofo grego assegura que a retórica é a faculdade de considerar em cada caso os meios para persuadir. Em resposta a esses questionamentos que tem por objetivo contrapor os argumentos elencados por Platão, Quintiliano, então, apresentará ao seu leitor a sua concepção de retórica.

Data de envio: 26 de julho de 2014

Data de aprovação: 7 de setembro de 2014

Data de publicação: 15 de setembro de 2014